

Co-agencialidade ou instrumentalização?: relações semânticas entre o Agente e outro ser humano em português e alemão

Tem o presente trabalho como objecto o estudo contrastivo português-alemão das relações semânticas entre o AGENTE e outro ser humano passando por um OBJECTO. Sintacticamente definiremos as frases em estudo, do ponto de vista do verbo, como possuindo três lugares vazios: dois lugares obrigatórios, o do sujeito e o do objecto directo, e um lugar facultativo que iremos analisar em relação com os primeiros.

O enquadramento teórico escolhido, a "Gramática de Casos": Fillmore (1966-77)⁽¹⁾ e críticas ao mesmo Zoeppritz (1971), Pleines (1976), e Rosengren (1978), pauta-se por alguns princípios básicos:

- pressuposição de uma perspectiva relacional dos elementos da frase por articulação com o verbo, ou seja, definição dos elementos pela relação que estabelecem entre si (quer se encontrem presentes ou ausentes);
- focagem, para efeitos de análise, na estrutura semântica não visível da frase, não perdendo de vista a estrutura sintáctica, mas não se deixando influenciar por ela;
- exigência de singularidade do caso semântico, ou seja, de que em cada frase simples só se registará um tipo de caso semântico⁽²⁾.

Uma vez que o ponto de partida do trabalho é a figura do AGENTE começaremos por defini-lo como caso semântico.

Segundo Fillmore (1968:24) seria "the typically animate perceived instigator of the action identified by the verb", o que incluiria apenas os seres animados⁽³⁾.

Zoeppritz (1971:73)⁽⁴⁾ opõe-se a esta visão "animacista" definindo a noção de AGENTE como válida, tanto para seres animados, quanto para entidades não animadas.

A estas diferentes perspectivas quanto ao escopo do AGENTE junta-se uma outra, lançada anteriormente por Halliday (1967:42)⁽⁵⁾ que separa dentro da categoria do AGENTE:

- o iniciador que apenas instiga à acção e não a concretiza;
- o iniciador e agente que inicia e concretiza a acção;
- o agente que apenas concretiza a acção e não a inicia.

Esta subdivisão do AGENTE apenas reforça a ambiguidade que envolve a definição de Fillmore acima apresentada, centrada na palavra "instigator".

Quanto à definição de OBJECTO, menos polémica mas mais vaga, Fillmore (1968:24) e (1971:73) propõe respectivamente:

"the semantically most neutral case, the case of anything representable by a noun whose role in the action or state identified by the verb is identified by the semantic interpretation of the verb itself; conceivably the concept should be limited to things which are affected by the action or state identified by the verb."

"The object case is that of the entity which moves or which undergoes change."

Há que distinguir dentro destes estudos a tendência inicial de Fillmore, sensivelmente até 1971, de se pautar quase exclusivamente por traços categoriais (AGENTE = animado; OBJECTO = coisa), em detrimento de aspectos relacionais.

A perspectiva relacional dominante começa a imperar em Fillmore (1971-77), Zoeppritz (1971) e Cruse (1973)⁽⁶⁾, embora culmine em Rosengren (1978a:382) que define AGENTE como sendo:

- aquele que tem uma participação activa no processo e pode ser parafraseável por "o que x fez foi".

Exemplificando, distingue (1978b:191):

"(45) Er liegt im Bett, um Kraefte zu sammeln"
(Ele está deitado para recuperar forças)

porque o sujeito se encontra numa relação [+ activa] para com o verbo, de:

"(46) Das Buch liegt auf dem Tisch"
(O livro está em cima da mesa)

ou até de:

"(47) Er lag auf dem Fussboden, als man ihn fand"
(Ele estava no chão quando o encontraram)

em que o sujeito está numa relação [-activa] para com o verbo, sendo, conseqüentemente, um PACIENTE.

Quanto à definição de OBJECTO, Rosengren (1978a:387) pronuncia-se nos seguintes termos:

- o caso que só pode ocorrer com o AGENTE⁽⁷⁾ ou o PACIENTE⁽⁷⁾ e que expressa afectação.

Como se observa, estas últimas definições não se orientam por traços categoriais mas expressam uma relação [+ activa] no caso do AGENTE e uma relação de afectação e de dependência por parte do OBJECTO em relação ao AGENTE (e até ao PACIENTE).

Não nos ocuparemos agora da relação entre AGENTE e OBJECTO, aliás tema de trabalhos contrastivos anteriores da autora (M.C. Almeida 1988b e 1989a), mas analisaremos, em frases com objecto, a relação entre o AGENTE e outro ser humano que ocupa, no plano sintáctico, o terceiro lugar vazio que mencionámos.

Para exemplificação consideremos:

- (1) 007 partiu o vidro com o inimigo
- (2) ?007 hat die Scheibe mit seinem Feinden zerbrochen

Como esta frase, na sua estrutura, é, à primeira vista, aparentemente análoga a outras, observemos ainda:

- (3) 007 partiu o vidro com o martelo
- (4) 007 hat die Scheibe mit dem Hammer zerbrochen

ou

- (5) 007 partiu o vidro com a mão
- (6) 007 hat die Scheibe mit seiner Hand zerbrochen

Temos, no plano semântico, um AGENTE 007 que actua sobre um OBJECTO com algo designado por INSTRUMENTO.

Em (5) e (6) "mão/Hand" não é considerado um INSTRUMENTO porque não se pode inserir claramente nessa categoria, conforme os testes preconizados⁽⁸⁾ (vide adiante).

Vejamos, entretanto, a definição de INSTRUMENTO dada por Fillmore (1968:24):

"the case of the inanimate force or object causally involved in the action or state identified by the verb."

Como se observa, a definição de INSTRUMENTO centra-se nos traços categoriais [-humano] e [-animado]. É esta distinção categorial que permite separar o AGENTE do INSTRUMENTO.

Naturalmente o AGENTE é hierarquicamente superior ao INSTRUMENTO, ocupando a primeira posição na frase com OBJECTO e INSTRUMENTO. Caso o AGENTE não seja mencionado, o INSTRUMENTO pode apresentar-se na primeira posição⁽⁹⁾:

(7) O martelo partiu o vidro

(8) Der Hammer hat die Scheibe zerbrochen

Temos, no entanto, reservas no respeitante às frases:

(9) ? A mão do 007 partiu o vidro

(10) 007 Hand hat die Scheibe zerbrochen

o que indicia uma possível diferença entre os exemplos (3) – (4) e (5) – (6).⁽¹⁰⁾

O domínio sintáctico do AGENTE sobre o OBJECTO é apenas reflexo do domínio semântico. O AGENTE domina o INSTRUMENTO porque o controla. É assim possível parafrasear (3) – (4) e (5) – (6) do seguinte modo, embora com fortes reservas quanto às frases (13) e (14):

(11) 007 utilizou o martelo para partir o vidro

(12) 007 benutzte den Hammer, um die Scheibe zu zerbrechen

(13) ?? 007 utilizou a mão para partir o vidro

(14) ?? 007 benutzte die Hand, um die Scheibe zu zerbrechen

Como analisaremos, contudo, (1) e (2)? Melhor dito, em que medida a relação de controlo pode abranger também o ser humano? Ao aplicarmos o teste com o verbo "utilizar" verificamos a não viabilidade das frases:

(15)* 007 utilizou o inimigo para partir o vidro

(16)* 007 benutzte den Feinden, um die Scheibe zu zerbrechen

Mas se os exemplos forem:

(17) 007 partiu o vidro com o corpo do inimigo⁽¹¹⁾

(18) 007 hat die Scheibe mit dem Leichnam seines Feindes zerbrochen⁽¹¹⁾

já as consideramos aceitáveis, uma vez que são parafraseáveis por:

(19)007 utilizou o corpo do inimigo para partir o vidro

(20)007 benutzte den Leichnam seines Feindes, um die Scheibe zu zerbrechen

Regista-se uma relação de controlo nítida por parte de "007" para com o inimigo.

"007" é o AGENTE, ou seja, aquele que desempenha uma acção.

Podemos perguntar:

(17) O que fez 007?

(18) Was tat 007?

O "vidro" é o OBJECTO sobre o qual o AGENTE incide.

O "corpo do inimigo" é o INSTRUMENTO para levar a cabo a acção. O INSTRUMENTO já não é um ser vivo, "Leichnam" em alemão significa cadáver por oposição a "Körper" (corpo vivo). Pode, no entanto, não se encontrar verdadeiramente morto, mas apenas inanimado, sem controlo sobre si próprio.

Então, não poderemos perguntar:

(21) * O que fez o corpo do inimigo?

(22) * Was tat der Leichnam seines Feindes?

Não há, assim, qualquer articulação entre estas perguntas e as frases (17) e (18). É precisamente por este facto que o corpo do inimigo é utilizável pelo 007.

Concluimos, pois, que o INSTRUMENTO pode ser [+humano], quando morto, ou até apenas inanimado, porque o ser humano normalmente se opõe a ser instrumentalizado, tal como reza a expressão "só por cima do meu cadáver".

Continuemos a potenciar a função semântica INSTRUMENTO como aplicável ao ser humano, socorrendo-nos para tal de mais alguns exemplos:

(23) * 007 neutralizou o espião através do inimigo (ou com o martelo⁽¹²⁾)

(24) 007 hat den Spion durch seinen Freund (oder ?? dem Hammer) neutralisiert

análogos do ponto de vista das relações semânticas às frases de Pleines (1976:92):

"(109) Der General hat den Spion durch seinen Gegenagenten enttarnt"

(* O general desmascarara o espião através do contra-agente)

Convém acrescentar que aceitaríamos (23) se a frase tivesse a seguinte formulação:

"007 fez com que o amigo neutralizasse o espião"

que, por se tratar de uma frase complexa, está fora do âmbito do presente estudo.

Continuando com o exemplo alemão (24), notamos que a preposição em alemão é "durch"(pelo) que expressa um controlo do tipo diferente de "mit"(com), por exemplo também das frases (3) – (4) ou (17) – (18). Sem dúvida que "007" é o AGENTE, uma vez que podemos perguntar:

(24') Was tat 007?

E "o amigo", não será igualmente um AGENTE? A resposta é negativa. A frase acima (24) não se articula com a pergunta:

(25)* Was tat der Freund?

Nesta linha de pensamento não poderemos efectuar a coordenação dos dois seres humanos:

(26)* 007 und sein Freund haben den Spion neutralisiert

pois significaria uma acção conjunta dos dois elementos. É, no entanto, possível a paráfrase:

(27)007 benutzte seinen Freund, um den Spion zu neutralisieren

dado que "o amigo" representa o INSTRUMENTO sobre o qual "007" tem ascendência, representável, noutros contextos, por uma relação hierárquica explícita (vide no exemplo de Pleines citado anteriormente a relação hierárquica "General-Gegenagenten").

Lançamos aqui, no entanto, a dúvida se a não existência de INSTRUMENTOS humanos conscientes (no sentido físico e não moral) não estará relacionada com o sujeito e os verbos que escolhemos. Se a frase fosse:

(28)O Primeiro-Ministro divulgou o Plano através do Ministro das Finanças (ou através da rádio)

já os testes abaixo seriam válidos:

(28') Que fez o Primeiro-Ministro?

(29) O Primeiro-Ministro utilizou o Ministro das Finanças para divulgar o plano

Como é óbvio em relação a (28) não validariamos:

(30)* Que fez o Ministro das Finanças?

O correlato alemão de (28) com o verbo "veröffentlichen" apresenta comportamento análogo ao das frases portuguesas.

O facto de "divulgar" (verbo transitivo) se poder articular com um INSTRUMENTO [+ humano] e [+ consciente] é ilustrativo da diferença entre este e os verbos "partir" e "neutralizar", verbos causativos⁽¹³⁾ de mudança de estado.

Concluimos, então, que, por oposição à definição de Fillmore (1968) o INSTRUMENTO pode também ser [+ humano] e [+ consciente], embora com algumas restrições para o português.

Observemos ainda algumas frases de estrutura nuclear frásica aparentemente idêntica. Contudo, o complemento regido por "com", apenas poderá desdobrar um elemento já pertencente à valência:

(31) 007 partiu o vidro com o amigo

(32) 007 hat die Scheibe zusammen mit seinem Freund zerbrochen

Visto não se tratar de um INSTRUMENTO não será parafraseável por "utilizar":

(33)* 007 utilizou o amigo para partir o vidro

(34)* 007 benutzte seinen Freund, um die Scheibe zu zerbrechen

Diríamos, em primeira instância, que:

— "007" é o AGENTE

— "O vidro" é o OBJECTO afectado pela acção do AGENTE

— "o amigo" não é controlado pelo "007"

Registe-se que, em alemão, este último se encontra antecedido por "zusammen" que, em português, significa "conjuntamente".

Verificamos que podemos coordenar "007" e "o amigo":

(35) 007 e o amigo partiram o vidro

(36) 007 und sein Freund haben die Scheibe zerbrochen

Se ambos empreendem uma acção poderemos perguntar:

(35') O que fizeram 007 e o amigo?

(36') Was haben 007 und sein Freund getan?

"O amigo" representa para nós um CO-AGENTE⁽¹⁴⁾, apresentando, contudo, as frases (31) e (32) apenas dois lugares vazios preenchidos. Resumindo registaram-se as seguintes possibilidades quanto à natureza semântica categorial do INSTRUMENTO na sua relação com o AGENTE:

Verbo causativo (partir/zerbrechen)	Agente + Objecto + Instrumento ± humano - consciente
Verbo causativo (neutralisieren)	Agente + Objecto + Instrumento ± humano
Verbo transitivo (divulgar/veröffentlichen)	Agente + Objecto + Instrumento ± humano

O verbo causativo "partir/zerbrechen" apresenta o desdobramento do AGENTE realizando apenas dois lugares vazios como segue:

Verbo causativo (partir/zerbrechen)	Agente + Co-Agente	+	Objecto
--	--	---	----------------

Reforçaremos o facto de os verbos causativos revelarem maior resistência à instrumentalização dos seres humanos, sobretudo no caso do português.

Esta restrição, porém, já não se aplica ao verbo transitivo "divulgar".

Concluimos referindo que os traços categoriais não encontram eco exclusivo nas relações semânticas mas que, sem dúvida, as influenciam. No entanto, as relações semânticas não superficiais sobrepõem-se aos traços categoriais visíveis.

Não falaremos de semelhanças nem de diferenças entre as duas línguas, o português e o alemão, como talvez seria de esperar. Quiçá no futuro o possamos fazer num estudo mais abrangente entre o português e o alemão com base na teoria de Casos.

Agradecimentos

Agradeço ao Prof. Mário Vilela os comentários críticos ao presente trabalho.

Notas

- (1) Consultados na colectânea Dirven, R., Radden, G (eds) (1987a), *Fillmore's case grammar: a reader*, Groos, Heidelberg.
- (2) Princípio do Caso Único preconizado por Fillmore (1968:22).
- (3) O próprio Fillmore (1968:31), contudo, coloca algumas reservas à sua definição, a saber, em nota: "the escape qualification 'typically' expresses my awareness that contexts which I will say require agents are sometimes occupied by 'inanimate' nouns like *robot* or 'human institution' nouns like *nation*. Since I know no way of dealing with these matters at the moment, I shall just assume for all agents that they are 'animate'".
- (4) Com exemplos do tipo "water runs", ou fazendo equivaler como agentes "John runs" e "the leaves rustle" (ibidem p.74).
- (5) "subject as initiator (not actor) 'John marched the prisoners'; subject as actor (and initiator) 'the prisoners marched; subject as actor (not initiator) 'the prisoners were marched'".
- (6) Cruse (1973:11) "comparing for instance 'John overturned the dustbin' and 'the wind overturned the dustbin' it is difficult to see how the wind is any less of an agent than John: indeed we commonly describe the sun, wind, frost as 'natural agents'".
- (7) À luz de Rosengren (1978) teremos para a relação AGENTE + OBJECTO 'Ele partiu o vidro'/'Er zerbrach die Scheibe', e para a relação PACIENTE + OBJECTO 'Ele deitou sangue'/'Er schwitzte Blut'.
- (8) vide Fillmore (1968:22-23).
- (9) Rosengren (1987a:378) considera que as "case relations are relations of a higher order than predications of arguments; they are hierarchically ordered in that AGENT and PATIENT are superordinated and OBJECT, SOURCE and GOAL are subordinated".
- (10) vide Fillmore (1968:23).
- (11) Análogas à interpretação atribuída por Pleines (1976:89) à frase '(93) James Bond broke the window with a Russian spy'.
- (12) Neste caso a frase seria válida.
- (13) constituídos a nível de estrutura profunda por CAUSE + predicado de processo vide Shibatani (ed) (1976:5).
- (14) A figura do co-agente aparece referenciada em Yuan Jie (1986:266-267).

Referências bibliográficas

- Abraham, W. (ed) (1978), *Valence, semantic case and grammatical relations*. J. Benjamin, Amsterdam
- Almeida, M.C. (1985a), "Macro/microposicionamento nas dimensões temporais/aspectuais" *Las Jornadas de Sociolinguística*, Fac. de Letras
- Almeida, M.C. (1985b), "O aspecto como texto posicionado/posicionante" in *Actas do IV Colóquio sobre Léxico e Sintaxe comparados das Línguas Românicas*, Lisboa (no prelo)
- Almeida, M.C. (1986), *O aspecto verbal como texto posicionado/posicionante em português e alemão*, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, F.L. Lisboa
- Almeida, M.C. (1987a), "Alemão e Português — que identidades?" in *Actas do 4º Encontro da APPA*, Lisboa
- Almeida, M.C. (1987b), "Discurso esquizofrênico e estatividade: análise de um caso" in *Actas do 3º Encontro da APL*, Lisboa
- Almeida, M.C. (1988), "O Professor está a trabalhar connosco": análise semântico-pragmática da perífrase aspectual durativa" in *Actas do Encontro da APL de Lisboa dedicado ao Prof. Cintra* (no prelo)
- Almeida, M.C. (1989a), "Transitividade e valores aspectuais em português e alemão" in *Duas línguas em contraste: português e alemão*, *Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-alemão*, anexo III da revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas, Porto
- Almeida, M.C. (1989b), "Agentes pressupostos: uma análise semântico-pragmática em português e alemão, comunicação ao 1º Congresso da FNAPLV (Federação Nacional de Professores de Línguas Vivas) in PORTAL (no prelo)
- Busse, W., Vilela, M (1986), *Gramática de valências*, Almedina, Coimbra
- Cruse, D.A. (1973) "Some thoughts on Agentivity" in *JL9*, pp. 11-23
- Dirven, R., Radden, G. (eds) (1987a), *Fillmore's case Grammar: a reader*, Groos, Heidelberg
- Dirven, R., Radden, G. (eds) (1987b), *Concepts of Case*, Narr, Tübingen
- Halliday, M.A.K. (1966), "Notes on transitivity and theme in English" Part I, *Journal of Linguistics* 3, pp. 37-81
- Helbig, G., Kempter G. (1978), *Das Zustandspassiv*, VEB Verlag Enzyklopädie, Leipzig

- Helbig, G. (hrsg) (1978), *Beiträge zu Problemen der Satzglieder*, VEB Verlag Enzyklopädie, Leipzig
- Jie, Yuan (1986), *Funktionsverbgefüge im heutigen Deutsch*, Groos, Heidelberg
- Pleines, J., (1976), *Handlung, Kausalität, Intention*, Narr, Tübingen
- Rosengren, I. (1978a), "Die Beziehung zwischen semantischen Kasusrelationen und syntaktischen Satzgliedfunktionen: der freie Dativ in Abraham, W. (ed) (1978)
- Rosengren, I. (1978b), "Status und Funktion der tiefenstrukturellen Kasus" in Helbig, G. (ed) (1978)
- Shibatani, M. (ed) (1976), *The Grammar of Causative Constructions, Syntax and Semantics v. 6*, Academic Press, N.Y.
- Zoeppritz, M. (1971), "On the requirement that agentives be animate" in *Beiträge zur modernen Linguistik und Informationsverarbeitung*, H. 21, s.65-78